

**Entrevista Professor Doutor João Batista Freira**

**Entrevistador:** Qual a situação das escolas de Educação Física no Brasil?

**João Batista Freire:** A Educação Física, quando foi fundada no princípio do século XIX, foi fundada numa época que se aceitava sem contestação uma ideia positivista, de que as coisas são divididas e o ser humano é composto de partes distintas, o espiritual e a material, e isso era uma coisa muito bem aceita. A Educação Física foi fundada não para educar para a saúde, para a disciplina, etc, não o ser humano, mas o corpo do ser humano. Ela foi criada para se dirigir não ao homem e à mulher, mas ao corpo do homem e da mulher, essa entidade que vai sumir, que vai morrer, enquanto o restante, a parte espiritual, vai continuar existindo apesar da morte. Essa estrutura comprometeu muito a educação física e a tornou tão menor quanto é menor para a civilização humana. Então, a Educação Física tem que ser refundada com novas bases filosóficas, especialmente pensando numa filosofia que veja o homem, não como uma entidade composta de partes distintas e inconciliáveis, não como uma coisa espiritual que vai permanecer para sempre, mas, enquanto está aqui nesse mundo, o ser humano é corpo. Ele existe porque é corpo e se manifesta corporalmente e, acredito, seria até saudável que ele não se preocupasse com o que aconteceu antes, ou o que vai acontecer depois e se preocupasse um pouco mais com o que está acontecendo agora. Ele cuida demais com o que pode acontecer depois e cuida de menos com o que está acontecendo agora. Então, não me preocupa o céu, me preocupa a terra.

**Entrevistador:** E quanto a 531 escolas de Educação Física (apontadas pelo CEV) existente **no Brasil**?

**João Batista Freire:** Existem dados que apontam 700 escolas de Educação Física. Eu imagino que isso aqui é mais ou menos igual a lojas que abrem e fecham todo dia e, se você contar, amanhã já é diferente de hoje e isso é um

absurdo, é uma inflação de faculdades e quase nenhuma discute o que estamos discutindo agora, porque aprender a praticar joguinhos, não precisa de faculdade para isso. Faculdade é para discutir o que estamos discutindo agora e o acadêmico já está realizando estudos universitários, que têm que ser aprofundados e dedicados a compreender as grandes questões da Educação, da Educação Física e da humanidade. E, enquanto as faculdades não fizerem isso, não estão praticando o estudo universitário, estão praticando uma coisa extremamente superficial. Então, contam-se nos dedos as faculdades que levam a sério o ensino universitário. A maioria das vezes os alunos vão lá bater uma bola e para isso existem os clubes, com os amigos no final de semana e não precisa de faculdade. E ainda há um número excessivo de professores preocupados com o gesto esportivo, com a cor do maiô da natação, com a brancura do tênis, e isso não é coisa de nível superior, portanto escolas de nível superior não devem existir muitas.

**Entrevistador:** Qual a importância dos jogos na formação dos alunos?

**João Batista Freire:** Eu defendo a ideia de uma educação que respeite as características da pessoa e circunstancialmente é o aluno ali daquela escola. Nós defendemos que as pessoas e a sociedade têm que crescer a partir do que elas são. Uma coisa que sempre emperrou a sociedade brasileira é o desrespeito pelos brasileiros que nós somos. Querem que a gente aprenda nas escolas, querem que a gente cresça como sociedade a partir dos europeus que nós não somos. Quando os brasileiros tiveram oportunidade de praticar o futebol como brasileiro, o Brasil se tornou uma potência mundial no futebol. Quando nós tivemos a oportunidade de praticar, por exemplo, a capoeira que foi criada a partir dos brasileiros que somos, ela virou uma febre mundial. Todas as vezes que os brasileiros puderam ser brasileiros, eles se desenvolveram bem. Nos últimos anos tivemos um crescimento muito grande na sociedade brasileira, e eu entendo que, em parte, por que nós pudemos ser um pouco mais brasileiros. Então, nesse sentido, ao estar na escola, uma criança, mais que ser aluno, ela é uma criança e tem que ser considerada

como uma criança que ela é, e criança brinca. A escola é um trabalho, mas esse trabalho pode ser feito brincando, brincando para respeitar a criança que o aluno é. Então, por que não poderia aprender brincando? Por que não poderia brincar e aprender? Por que o jogo e o trabalho não podem ter um bom casamento? Claro que podem. Metodologicamente e pedagogicamente você pode fazer isso com extrema facilidade e com a eficácia de uma pedagogia lúdica. É muito fácil demonstrar isso. Só que a arquitetura da escola, a disciplina escolar, o controle sobre as pessoas não permite isso. Romper com isso, não é só uma questão de quebrar uma parede ou jogar fora uma carteira escolar, tem que romper com uma ideologia, é uma ideologia que não está só na escola, mas está em toda a sociedade. A ideologia de controlar as pessoas. Você dá conta de uma classe de 35 alunos com muito mais facilidade se eles estiverem enfileirados, estiverem quadriculados, estiverem presos em cadeiras e não puderem se movimentar. Dar conta de alunos em liberdade exige um ambiente democrático e a democracia passa longe da escola. Liberdade tem que ser uma coisa pra valer e não pode ser uma coisa só no papel. Então, crianças presas em cadeiras durante 4 horas por dia não estão praticando democracia, estão submetidas a um regime extremamente autoritário, de castigo e de tortura. Qualquer adulto submetido ao confinamento de uma carteira escolar durante 4 horas iria se sentir torturado, mas os filhos desses adultos podem ser torturados e não acontece nada, porque esse é um sistema mundial de controle sobre as pessoas.

**Entrevistador:** O que você acha da iniciação esportiva no Brasil?

**João Batista Freire:** Se me perguntarem se uma criança pode praticar voleibol, aos 8 anos de idade, eu vou dizer que sim, desde que ela brinque de voleibol. Ela pode brincar de voleibol, pode brincar de futebol, brincar de atletismo, pode brincar de qualquer coisa que não lhe fizer mal. Agora, se perguntarem se ela pode praticar o esporte voleibol aos 8 anos, eu digo que não. Ginástica artística, não. Qualquer esporte que submeta a criança a treinamentos sistemáticos para obter rendimento físico eu diria que é inadequado, diria que é criminoso, que rouba da criança a sua infância e deve ser criminalizado.

**Entrevistador:** Em sua opinião, há uma idade cronológica para a iniciação?

**João Batista Freire:** Não dá para dizer sobre idades porque o desenvolvimento não necessariamente acompanha a idade, então, você vai ter aí um adolescente forte aos 14 anos e um adolescente fraco com 16 anos. Eu, por exemplo, comecei a crescer só depois dos 16 anos, enquanto colegas meus, com 13 anos, estavam enormes. Então, o desenvolvimento não é só biológico. É o desenvolvimento de conhecimentos, é a compreensão sobre a vida, a questão moral. Então isso tudo tem que ser observado e de maneira geral é preciso ser capaz de suportar fisicamente as cargas de trabalho e é preciso suportar psicologicamente o estresse da exposição pública nas competições, a disciplina rígida que existe no treinamento e isso exige um sujeito amadurecido, geralmente isso acontece para alguns aos 14 anos, para outros aos 16 anos, porque nessa fase o adolescente sabe o que está acontecendo num projeto de vida e **pode** inserir o esporte de competição nesse projeto de vida. Se uma criança disser que quer praticar ginástica artística ou nadar numa represa funda, ela ainda não sabe dos perigos da prática do esporte e nem da represa funda. “Eu quero ser aviador, bombeiro, etc”. É o que ela diz. Ela ainda não tem esse discernimento e se uma criança puder escolher o que comer, ela vai tomar sorvete todos os dias, então alguém tem que decidir por ela da melhor maneira possível. Já o adolescente não, ele tem um pensamento projetivo, ele tem o pensamento virtual, ele é capaz de projetar possibilidades novas de vida e pode inserir o esporte de competição entre as prioridades da vida dele. Aí os técnicos é que vão julgar se aquele adolescente já pode ter uma carga maior ou menor de treinamento. Então, o esporte pode lhe fazer muito bem, inclusive. Mas submeter crianças de 7, 8 anos a treinamento de 3,4 ou 5 horas por dia é absolutamente criminoso. Isso deve ser um problema do conselho tutelar.

**Entrevistador:** O que você pensa das políticas públicas na questão de formação de atletas?

**João Batista Freire:** Eu trabalho com política pública em âmbito municipal por conta desse projeto social do qual eu participo, mas a gente tem políticas públicas para a educação de esportes no âmbito municipal, estadual e federal. As coisas produzidas no governo federal têm repercussões muito fortes. Eu acho que o Ministério dos Esportes deveria se preocupar menos com a Copa do Mundo e mais com políticas esportivas educacionais. O nosso ministro, eu não sei quanto ele gasta por dia pensando em educação, mas se ele continuar insistindo em não desenvolver políticas esportivas educacionais, eu acho que as entidades que estão preocupadas com o esporte educacional vão procurar outro endereço como, por exemplo, o Ministério da Educação. Hoje em dia eu recomendo as ONGs, por exemplo, ou as universidades que querem desenvolver projetos de esportes educacionais que talvez esteja na hora de desistir do Ministério dos Esportes e procurar o Ministério da Educação e nas cidades procurar a Secretaria de Educação, porque é difícil ver a esterilidade do Ministério dos Esportes em relação a políticas educacionais no nosso campo de trabalho, porque não tem nada de novo. Foram 8 anos do governo Lula sem que acontecesse nada de interessante. Agora com início do novo governo, só se fala em Copa do Mundo e de Olimpíadas. A Copa do Mundo não é uma organização particular? A CBF não é uma entidade privada? Por que ocupar um Ministério inteiro para ficar preocupado com isso? Quanto se gasta e para onde vão as verbas do Ministério do Esporte? Eu queria que isso tudo fosse publicado. Eu queria saber o que o governo vai gastar com a Copa do Mundo direta ou indiretamente e quanto está gastando com a educação. O problema do país não é Olimpíada, é educação. Vamos resolver o problema da educação e, se sobrar dinheiro, aí nós vamos pensar em Copa do mundo e Olimpíada. A prioridade do Brasil é educação ou não é? Eu particularmente acho que não é. Se eu pegar os números eu posso demonstrar que não é prioridade. Se fosse prioridade o professor não ganharia a miséria que ganha.

**Entrevistador:** O que você acha que nós ganharemos com a Copa do Mundo e a Olimpíada?

**João Batista Freire:** Nós ganharíamos, por exemplo, se nós tivéssemos um Ministério dos Esportes preocupado com a educação. A gente poderia ganhar muito, se envolvêssemos as equipes que pudessem participar nos nossos projetos educacionais, pressionando as entidades responsáveis pelo futebol no mundo a fazerem declarações públicas em favor da educação das crianças e dos adolescentes, se fizéssemos uma pregação em torno dos benefícios do esporte na educação do povo brasileiro, comprometendo os comitês olímpicos de todos os países participantes a terem atitudes que mostrassem a importância do esporte na educação dos seus povos, divulgando as iniciativas dos vários países em relação ao esporte educacional. Então, muita coisa poderia ser feita, caso o Ministério dos Esportes se interessasse por isso e esse seria o papel dele e não de ficar se preocupando com construção de estádios. Isso não é problema nosso. Isso é problema de quem inventou Copa do Mundo e eles que façam. Se não pode fazer então não faça, porque na última hora vai ser uma correria, fazendo licitação de tudo quanto é jeito para poder “quebrar o galho” na urgência.

**Entrevistador:** Como você percebe a relação teoria e prática na intervenção do professor de educação física?

**João Batista Freire:** Em todas as áreas você tem a criação, a tecnologia, a execução e o consumo. Então, nós temos na educação a criação que tanto pode ser feita por pesquisadores da universidade quanto por um professor da prática. Esse é o momento da criação. Depois se tem a tecnologia que vai ser transformada num currículo, num procedimento pedagógico. Há também a execução, isto é, alguém dando aula, dando treino e você tem o consumo que é o aluno que está participando daquilo e construindo conhecimento. Mas dá-se muito valor para a criação e às vezes para a tecnologia e quase valor nenhum para a execução e consumo. Isso acontece na aviação, por exemplo. Imagina quanta ciência para fazer um avião e o descaso que se tem pelo passageiro, que é o consumidor ou pelo executor que é o piloto e a sua tripulação. Estes são também diminuídos e o passageiro mais ainda. No caso

da educação, hoje se valoriza muito o trabalho da criação e muito pouco a execução e consumo, e às vezes a pseudocriação, porque, embora haja muita criação feita pelos professores que também são os executores, julga-se que a grande criação da educação é feita na universidade, por causa das dissertações de mestrado e teses de doutorado, das pesquisas. Não necessariamente, essas teses têm conexão com a realidade, portanto elas não chegam a ser consumidas. Por exemplo, quando uma prefeitura quer fazer um currículo, ela costuma contratar uma equipe universitária. Essa equipe julga que aquele arcabouço curricular que elabora será executado e aquilo vai para execução na rede escolar, mas o professor não o executa, porque não dá conta daquilo, nem o entende muitas vezes. Ele executa o que ele acha que dá para executar, então, aquilo é uma pseudocriação e a verdadeira criação vai se dando no dia-a-dia com os professores adaptando aquele currículo à sua realidade, fazendo o que é possível. Então, a gente tem excessiva valorização muitas vezes de uma pseudocriação e nenhuma valorização do professor que executa e o aluno que consome, e ficam esses dois últimos na “miséria”.

**Entrevistador:** O que você acha das revistas digitais do Brasil como fomento às pesquisas no país e do momento atual dessas pesquisas?

**João Batista Freire:** O governo brasileiro se vangloria de ser hoje o Brasil o 15º maior publicador de pesquisas no mundo. Ser o maior publicador não significa ser o melhor produtor de pesquisa, porque não se leva em conta a relevância social da pesquisa, por exemplo. Nessa contagem qualquer mediocridade é contada, então, se um sujeito pesquisar sobre o nada, praticando apenas um exercício metodológico. Ele pode até inventar, é contato do mesmo jeito, porque a única criação que tem peso hoje, na carreira acadêmica, no nível de pós-graduação, é a publicação de artigos científicos, qualquer um, não importa a qualidade desse artigo desde que ele se enquadre nas normas da ABNT, nas regras de cada revista. Ele será publicado, internacionalmente, se tiver bons contatos no exterior. Isso é ruim, porque diminui a pesquisa complexa, difícil, que leva anos para ser feita. Diminui a

pesquisa qualitativa, feita na área social, educacional, saúde pública e acaba acobertando o vigarista, porque essa regra é muito fácil de burlar. Faz-se um copiar, colar. Por exemplo, vou fazer uma pesquisa aqui agora para publicar internacionalmente. Eu pego um artigo internacional, eu copio na internet e colo no *Word*. Então eu crio um assunto meu, qualquer, por mais irrelevante que seja, faço algumas entrevistas, dou um tratamento estatístico para aquilo, ponho uns números bem bonitos e substituo o artigo que eu copiei pelo que eu fiz e mantenho o texto padrão. Eu só mudo aquilo que identifica a minha pesquisa. Se estiver tudo certinho, dentro das regras estabelecidas, a chance de publicar é enorme, por menos que isso tenha validade e isso vai ser tanto valorizado quanto um trabalho daquele pesquisador sério, que está no seu laboratório, fazendo um trabalho de extensão, às vezes, com seus alunos, fazendo pesquisa séria, porque fazer pesquisa séria dá um trabalho enorme. Então, isso é uma maneira de acobertar um vigarista. Esses números que o Brasil divulga não querem dizer para mim absolutamente nada, eu quero saber da qualidade da pesquisa. Eu fui avaliado inúmeras vezes, até o dia em que tive de sair da universidade, e sei que o meu trabalho não é avaliado. Na verdade a qualidade do meu trabalho nunca foi avaliada. Eles contavam quantas publicações eu fiz no ano, que tipo de revista e qual a repercussão da revista. Por exemplo, o livro **Educação de Corpo Inteiro** já teve, em todas as edições, cerca de 220 mil exemplares publicados e numa avaliação não vale absolutamente nada, porque é uma editora pedagógica, porque quem ganha são os professores comuns, porque não tem impacto científico, mas é a minha opção. Não quero ter impacto científico, eu quero ter é impacto popular, eu quero ter impacto social, eu quero mudar a cara da Educação Física brasileira. Então, se mudar a cara da Educação Física brasileira, não vale nada para a CAPES. A CAPES está errada e eu estou certo. Eu tenho certeza de que a CAPES está errada. Eu tenho certeza de que os avaliadores da minha área na CAPES, não sabem o que é Educação Física, porque se não eles não diminuiriam os trabalhos pedagógicos. Agora, você ser avaliado por alguém que não entende de Educação Física é uma droga, é uma coisa deprimente.



**Entrevistador:** E sobre o formato das revistas?

**João Batista Freire:** Eu sou favorável ao formato da revista digital. Acho que o modelo de papel, no caso da revista, talvez nem devesse existir. No caso do livro, há toda uma mística em torno do dele, toda uma tradição de folhear o livro, uma relação sensual com ele, que deve também existir, até como arte, mas isso não existe em relação à revista. Então, não tem por que publicar a revista em papel, é gastar dinheiro à toa e a criação das revistas digitais permite a proliferação de revistas. E só a proliferação das revistas permitirá a abertura de publicações no campo da educação, no campo social, no campo da pesquisa qualitativa, quebrando esse bloqueio que nós da pedagogia sofremos e não conseguimos publicar nas revistas mais conceituadas, porque para eles a área da Educação Física é Fisiologia, a Educação Física é Biomecânica, a Educação Física é Psicologia, mas, para a Fisiologia, a Fisiologia não é Educação Física. Na Biomecânica, a Biomecânica não é Educação Física, então, nós estamos sendo colonizados pela Fisiologia, pela Biomecânica, pela Bioquímica, dentro da Educação Física. É a mesma ideologia dos Romanos que invadiam a terra alheia, se instalavam nela e colonizavam aquele povo no meio dele. Essas áreas, a Fisiologia, Biomecânica, Psicologia e Bioquímica, invadiram a Educação Física, se instalaram dentro dela e nos colonizam dentro da nossa terra. Então, o protagonista da Educação Física devia ser a Educação Física, as outras áreas, muito bem-vindas seriam coadjuvantes, mas hoje os protagonistas da Educação Física em nível da pós-graduação são as áreas como a Física, a Química, a Biologia, a Psicologia, a Antropologia, e nós somos os coadjuvantes. Eu professor de Educação Física, pedagogo, sou um mero coadjuvante dessas disciplinas alienígenas que estão nos colonizando.

Agradecemos o professor João Batista Freire pela disponibilidade e atenção com a Revista Norte Mineira de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.



## **Revista Norte Mineira de Educação Física**



Agradecemos também a presença do professor Georgino Jorge Souza Neto e da professora Rosângela Ramos Veloso na entrevista.